

# RELATO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE A AFRO-DIÁSPORA NA ARTE-CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: REFLEXÕES SOBRE SER BIOPOLÍTICO NA UNIVERSIDADE

## REPORT OF EXPERIENCES ON THE AFRO DIASPORA IN ART, CULTURE, MEMORY AND IDENTITY: REFLECTIONS ABOUT BEING BIOTIPOLITICAL IN THE UNIVERSITY

Thiago Francysco Rodrigues Cassiano **1**  
Karylleila dos Santos Andrade **2**

**Resumo:** Este relato de experiências parte de minhas reflexões pessoais quanto à busca por uma identidade negra no Brasil. Para isso, analisamos a produção do negro na arte e na cultura, a partir das reflexões de Moura (1988, 1983) e de Schawarcz (2012, 2014). Este trabalho aborda também o processo estereotipado sofrido pelo negro em seu fazer cultural, artístico e em seu processo identitário, sobretudo no ambiente universitário. Como procedimentos metodológicos, foram utilizados: a narrativa oral de caráter exploratória, baseada em Lakatos e Marconi (2010), e um diário de bordo, elaborado pelo autor, intitulado "Diário dos Sentidos e Permissões".

**Palavras-chave:** Afro-diáspora, Arte, Cultura e Memória, Ser biopolítico, Universidade Federal do Tocantins.

**Abstract:** This experience report is part of my personal reflections regarding the search for a Negro identity in Brazil. For this purpose, we have analysed the production of the Negro in art and culture, by the reflections of Moura (1988, 1983) and Schawarcz (2012, 2014). This paper also addresses the stereotypical process suffered by the Negro in his/her cultural, artistic and identity process, especially in the university environment. The methodological procedures used were the oral narrative of exploratory character, based on Lakatos and Marconi (2010), and the author's diary report entitled "Diary of senses and permissions".

**Keywords:** Afro-diaspora, Art, Culture and Memory, Being biopolitical, Federal University of Tocantins.

---

Aluno graduado em Licenciatura em Artes-Teatro, da Universidade Federal do Tocantins, campus de Palmas - thiagocassiano@mail.uft.edu.br **1**

Profa. orientadora do texto. Doutora do curso de Licenciatura em Artes-Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Letras, campus de Porto Nacional e de Araguaína. Bolsista Produtividade do CNPq - karylleila@uft.edu.br **2**

## Introdução

O presente relato de experiências<sup>1</sup> surgiu de minha<sup>2</sup> inquietude em perceber o processo de invisibilidade sofrido pelos artistas afro-brasileiros no Brasil. Após estudos prévios, em concomitância com o término do curso de Formação de Gestores e de Conselheiros de Cultura,<sup>3</sup> ofertado pelo Ministério da Cultura (MINC), em parceria com a Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas, nasceu a necessidade de ampliar o olhar para esse tema. Mesmo sendo um curso voltado para o fomento das culturas brasileiras, suas matrizes culturais, epistemologias, compreensão de suas manifestações, percebeu-se um discurso de ‘estranhamento’ à cultura negra, culminando em falas que reforçam, a meu ver, a discriminação sofrida por essas culturas e manifestações, entre elas: o preconceito para com as religiões e as danças de matrizes de cultura africana, como o Candomblé e a Umbanda.

Sendo assim, este trabalho surgiu como um instrumento análogo para que eu compreendesse a invisibilidade sofrida pelas culturas afro-brasileiras. Os pressupostos metodológicos utilizados foram a narrativa oral e exploratória, baseada em Lakatos e Marconi (2010). Também foi utilizado um diário de bordo como instrumento de coleta, intitulado “*Diário dos Sentidos e Permissões*”.<sup>4</sup> Esse instrumento teve como finalidade o registro das experiências de atravessamentos afetivo, estético e poéticos do percurso da pesquisa.

Percebeu-se que o processo de invisibilidade sofrida pela negritude está sedimentado em diversos meandros da sociedade brasileira, de forma que a racialidade torna-se instrumento de exclusão para as minorias em representatividade, como, por exemplo, os artistas negros. De acordo com Gilroy (2001, p. 65), “Marcada por suas origens europeias, a cultura política negra moderna sempre esteve mais interessada na relação de identidade com as raízes e o enraizamento do que em ver a identidade como um processo de movimento e mediação [...]”

No presente momento, como aluno graduado do curso de Licenciatura em Artes-Teatro pela UFT, durante minha trajetória na universidade, pude observar inúmeras falas preconceituosas e agressivas direcionadas à negritude e suas diásporas.<sup>5</sup> Mesmo nas áreas vinculadas à educação, *lócus* de pensamento, liberdade de expressão e de pluralidade das ideias, a negritude e a africanidade ainda sofrem com o ‘estranhamento’ e a desvalorização de sua identidade. Partindo dessas inquietações, permearemos esta pesquisa pelas seguintes indagações: Por que a cultura e a arte negra sofrem um processo de silenciamento social e suas expressões?” e “de que lugar (memória e identidade negra) estamos falando?”

## Sujeito biopolítico na tríade cultura, memória e identidade negra

Nestas reflexões, optei por laborar minhas impressões sobre os conceitos de arte, de cultura afro-brasileira e de identidade, reminiscências oriundas da África, cujo processo denominado de Nova Arte Africana, isso pelo fato de que a arte africana, em toda a sua completude, passou por processos de transformação, após a travessia do Atlântico em direção ao Brasil. Sendo assim, mesmo com origem africana, essa arte, há tempos em *Terra Brasilis*, se torna nova, resignificada e com singularidade da nova terra.

Sinto que, por vezes, o identitário negro é relatado apenas pelo seu aspecto folclórico ou pelos atributos sexuais (com órgãos fálcos avantajados, glúteos grandes, seios fartos, quadris largos). Raramente homens e mulheres negras se deparam com produções que abordem a cultura

1 Dedicar-se este texto à ancestralidade Afro-diáspora pela força e pela coragem em se fazerem fortes, mesmo nos momentos de sofreguidão, trabalhos forçados, perseguições e humilhações, durante séculos.

2 A escrita está em primeira pessoa para que eu pudesse me expressar como um sujeito-autor que se identifica como artista-negro. O texto foi construído a partir de relatos das experiências de Thiago Francysco Cassiano Rodrigues, registrados no diário de bordo, durante o ano de 2017.

3 Curso de Formação de Gestores e Produtores Culturais da Universidade Federal do Tocantins em parceria com o Ministério da Cultura (MINC). Disponível em:

<<http://ww2.uft.edu.br/component/content/article?id=17622>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

4 O texto do Diário de Bordo foi construído a partir de meus relatos das experiências registrados no meu diário de bordo, durante o ano de 2017.

5 Para Gilroy (2001), a diáspora negra no Ocidente está relacionada única e exclusivamente ao processo escravagista Africano e seus resquícios. É por meio de uma política de terror da escravatura que se estabelece politicamente a identidade cultural dos negros.

e a arte afro-brasileira pela visão artística puramente dita, sem tendências ao folclórico, ao alegórico e à criação de estereótipos vexatórios para com a negritude. Segundo Moura (1988), sociólogo da diáspora negra esse fenômeno ocorre porque:

No Brasil a maioria dos estudiosos do problema do negro ou caem para o etnográfico, folclórico, ou escrevem como se estivessem falando de um cadáver. Na primeira posição, conforme veremos no decorrer deste livro, o contato entre culturas, o choque entre as mesmas, as reminiscências religiosas, de cozinha, linguísticas e outras ocupam o centro do universo desses cientistas. [...]. Vemos o indiferentismo pela situação social do negro, destacando-se, pelo contrário, a imparcialidade científica do pesquisador em face dos problemas raciais e sociais da comunidade negra. O absentismo científico transforma-se em indiferença pelos valores humanos em conflito. E com isto o negro é transformado em simples objeto de laboratório. (MOURA, 1988, p. 11)

Pode-se entender, então, que o negro se tornou estereótipo social de uma cultura impregnada pelo racismo vindo do não-negro, passando por um processo de 'coisificação' social, circundado pela teoria da racialidade. Como exemplos de situação de atitudes racistas: ver um(a) negro(a) dirigindo um carro importado, no Brasil, pode ainda ser motivo de olhares de estranhamento. O que dizer então de negros em galerias de arte? A presença da negritude em espaços de arte, no Brasil, em sua maioria, está em setores vinculados aos serviços de limpeza, à segurança e à manutenção. Não nos vemos representados nas paredes e nos espaços de apreciação artísticas de forma igualitária aos não-negros. Segundo Rodrigues (2017),

É extremamente poético perceber o processo de transmigração cultural experienciada e apresentada por Lasar Segall no que se diz respeito à representação afro-diáspora.<sup>6</sup> Ao deparar-me com suas produções, repletas de uma identidade afro-brasileira e de um (re)conhecimento cultural neste povo, faz pulsar inquietudes que me levam pela perspectiva ontológica reconhecer Afro-diáspora. Segall em suas pinceladas traz vivacidade afro-brasileira experienciada, desta forma entendendo-se o experienciar como fonte de um saber com conhecimento de causa. (Diário dos Sentidos e Permissões, do autor, 2017)

Como graduado, negro e artista, não posso destacar grandes mudanças para o negro na sociedade brasileira. Continuamos sendo mão de obra para uma burguesia desvairada, destinados a atuarem na construção civil, em trabalhos braçais. Às vezes, essa é a única oferta de trabalho que nos é dada, como única alternativa de subsistência. Saímos dos canaviais para os serviços considerados de baixo escalão da construção civil e da prestação de serviços (limpeza, babá, entregadores, carregadores, porteiros, etc.). As domésticas negras, tão presentes em nossa sociedade, são reflexos das africanas escravizadas trabalhadoras das casas grandes. Ora, vê-se, então, uma continuidade histórica de opressão e de valorização de uma cultura em detrimento à outra. O que podemos destacar é uma mudança de elementos como uma mesma narrativa. E o que dizer dos assédios morais e sexuais por elas sofridos, vindos dos senhores patrões? Eis a Casa Grande e a Senzala reproduzidas frente aos nossos olhos diariamente.

Pesquisadores desrespeitosos, sedentos por achados antropológicos, adentram nossos quilombos de hoje para registrar e catalogar processos artísticos e culturais, por vezes,

<sup>6</sup> No meu entendimento, identifico o conceito de afro-diáspora como um fenômeno sociocultural, político e histórico, ligado à imigração forçada para uma única finalidade: a escravagista. Mas, mesmo com o tráfico de negros, oriundos de África, e com todos os problemas por eles enfrentados durante o período da escravidão, a permanência dessa população no Brasil possibilitou-lhes um sentimento de pertencimento à sua origem e à sua ancestralidade, seja ela religiosa, gastronômica, artística, identitária, cultural.

descaracterizando o verdadeiro identitário dos negros quilombolas. Sabemos que existem sérios problemas éticos quanto às pesquisas realizadas em quilombos e comunidades tradicionais (indígenas, ribeirinhos, etc.). Parece haver certo comodismo no meio científico no que se diz respeito à forma com que são tratadas as comunidades quilombolas, cuja estrutura se estabelece da seguinte forma: o pesquisador se abastece de informações para suas pesquisas, anulando, muitas vezes, o processo pulsante<sup>7</sup> que existe nas comunidades de culturas afro-brasileiras, e a utiliza da forma que melhor lhe couber.

No entanto, muitas vezes, o pesquisador não cumpre com o seu papel ético de retornar à comunidade e de expor os resultados de sua pesquisa. Muitos quilombolas foram instigados à crença de que o pesquisador poderá falar ao mundo sobre o seu próprio identitário. Aponto tal situação como um dos fortes resquícios da escravatura, um colonialismo ressematizado, mas que guarda resquícios de um colonialismo perverso. Linguagem rebuscada não deve sobrepor a uma cultura que nasce do povo. Creio que a oralidade e a vivência experienciada do que se produz dentro da comunidade pode favorecer a troca de experiências e de fomento à pluralização de culturas. Não é intenção descaracterizar qualquer pesquisa acadêmica, mas concordo com o que diz Moura (1988) a esse respeito:

Não serão apenas estudos, livros e pesquisas sem uma práxis política que irão produzir essa modificação desalentadora no pensamento do brasileiro preconceituoso e racista. Mas, de qualquer forma, esses trabalhos ajudarão a que se forme uma prática social capaz de romper a segregação invisível, mas operante em que vive a população negra no Brasil. (MOURA, 1988, p. 13).

Por vezes, podemos ver nossa história, cultura e produções artísticas sendo relatadas de forma estereotipada em programas de conteúdo humorísticos. Por vezes, esses programas apresentam, de forma negativa, uma imagem rechaçada e inferiorizada do negro. Um ponto a se destacar é que, quando um(a) *afroemponderado(a)*<sup>8</sup> se apropria de seu lugar de fala, ele pode ser inviabilizado pelos demais, tido como “chato” ou como reclamante sem fundamento. É comum ouvirmos as seguintes frases: “Tudo agora é racismo”, “O mundo está chato, nem dá mais para fazer humor”, “Não chama seu cachorro de preto, porque ele pode te processar por racismo”, “Dizer que a coisa está preta é preconceito, então, vou dizer que a coisa está afrodescendente”, “Lá vem você com esse negócio de representatividade”, “Esse ‘mi-mi-mi’<sup>9</sup> de negro”, “Eu sou branco e sofri, e ninguém me deu cotas por isso.”<sup>10</sup>

Atualmente ver negros(as) pelas ruas das grandes cidades, expondo seu *ethos* por meio de seus cabelos crespos, seus turbantes nas cabeças, suas traças e seu estilo de ser e estar é um avanço, pequeno, mas significativo. Isso não descaracteriza os olhares de estranheza das pessoas ao verem negro(as) trajando indumentárias de sua própria identidade com origem na África, com turbantes, colares de conta, trança raiz, entre outros.

Vivemos em uma sociedade racista e, muitas vezes, os negros são vistos como folclóricos ou alegóricos. Um branco que esteja trajado com as mesmas indumentárias africanas e afro-brasileiras passa a ser visto como “descolado”, moderno ou *fashion*. Onde estão os reais problemas nesse âmbito? Nas indumentárias africanas e afro-brasileiras ou no conceito estético individualizado? Acredito que em nenhum dos dois. O problema para a sociedade racista está na consciência plena de um pertencimento diáspora que não abre tréguas para um enquadramento do padrão branco-europeu de ser. O problema está além das catacumbas do conceito de gosto. Existe, também, o processo de avanço da tradição e da ancestralidade afro-brasileira com o advento dos tempos contemporâneos, cujos discursos negros, mesmo que em curtos passos, vêm ganhando espaço, como já destacado.

7 Termo utilizado para evidenciar a forma latente das manifestações artística e culturais afro-brasileiras.

8 Termo utilizado para se referir ao povo afro-diáspora, imponderado do processo de seu *ethos* e *culturus*.

9 Termo popular do século XXI que classifica algo irrisório, enfadonho, verborrágico, segundo relatos do diário de campo.

10 Torna-se interessante pensar na falta de conhecimento histórico daqueles que proferem essa frase, visto que as ações afirmativas para a educação servem como um reparo social da escravidão formal vivida pelos afro-diásporas no Brasil e não como privilégios.

O silenciamento do povo da diáspora negra se estabelece pautada, muitas vezes, pelo sistema de valorização e de classificação de raças. A diáspora, dentro do conceito de racialidade, é alvo da eugenia, do racismo e da política higienista social, incluindo suas ramificações, cultura, arte, religião etc. É costume, ainda, ouvirmos frases racistas nos banheiros das universidades: “Aqui não é lugar de macaco”, “Volta para senzala”. O banheiro, como um lugar privado, é entendido como *locus* no qual o indivíduo pode falar o que quiser e praticar atitudes de preconceito e de intolerância étnico-racial. Sobre a diáspora, Gilroy (2007) afirma:

Como uma alternativa à metafísica da “raça”, da nação e da cultura delimitada e codificada no corpo, a diáspora é um conceito que problematiza a mecânica cultural e histórica do pertencimento. Ela perturba o poder fundamental do território na definição da identidade ao quebrar a sequência simples de elos explanatórios entre lugar, localização e consciência (GILROY, 2007, p. 151)

Caucasianos, trajando vestimenta com origem africana ou utilizando-se dessa mesma matriz cultural, são aceitos socialmente, na maioria das vezes, enquanto um negro, nessa mesma condição (pois essa é sua origem cosmogônica e cosmológica), é ridicularizado por não estar na África, mas que o faz sentir-se como se estivesse.

Presenciei um fato interessante sobre esses apontamentos na UFT, Campus de Palmas, que irei compartilhar. Um jovem negro trajava roupas africanas, estudante da República Dominicana do Congo, em intercâmbio no Brasil, passava pelos corredores do campus, enquanto uma moça loira, trajando um turbante rosa na cabeça disse: *“Nossa! Esse povo acha que está na terra deles, até parece carnaval esta universidade! As pessoas pegam a cortina, amarram no corpo e acham que estão lindas. Me poupe!”* Penso que a questão não está apenas na indumentária, mas no que representa um negro andando de cabeça erguida em uma universidade federal com elementos de sua própria matriz cultural para a sociedade brasileira, a qual é racista e preconceituosa. Esse aluno que sofreu racismo é doutorando e aparentava estar emponderado de sua identidade.

Falamos aqui de uma ridicularização sofrida pelo negro quando ele assume sua identidade de forma a reconhecer a negritude presente em seu corpo, tornando-a sinônimo de sua existência política e social. Os cabelos afro soltos, pluralizando as universidades públicas e particulares, repartições públicas e espaços destinados ao poderio econômico, social e político, no século XXI, são reflexos de pertencimento e de reconhecimento do negro. Tal reconhecimento está para além das falácias da Democracia Racial de Gilberto Freire (2006), que diz que, no Brasil de 30, não existia racismo. As raças conviviam em harmonia e o problema era a desigualdade social. Existe uma necessidade emergente de se reconhecer as diferenças e laborar para uma convivência harmoniosa nas diferenças, mas não eliminar as diferenças. Considero essa equalização das etnias e de suas manifestações, pregadas por uns como um disparate enfadonho. Não se trata de carros em montadoras, mas de conteúdo humano em suas mais amplas manifestações e representações. Sobre isso, Gilroy (2007) afirma que:

Ao considerarmos anteriormente o poder das raízes e do enraizamento como base da identidade, deparamo-nos com invocações de organicidade que forjaram uma conexão incômoda entre os domínios conflitantes da natureza e da cultura. Elas fizeram com que a nação e a cidadania parecessem ser fenômenos naturais em vez de sociais – como que expressões espontâneas de uma distinção palpável numa harmonia interna profunda entre o povo e seus lugares de moradia. A diáspora é um meio apropriado para se reavaliar a ideia de uma identidade essencial e absoluta precisamente porque ela é incompatível com esse tipo de pensamento nacionalista e raciológico. Esta palavra está intimamente associada à ideia de semente para disseminar. Esta herança etimológica é um legado incerto e uma benção imprecisa. Ela nos pede para que tentemos avaliar a importância do

processo de dispersão em oposição à suposta uniformidade daquilo que foi dispersado (GILROY, 2007, p. 154).

Nos dias atuais, muito se fala sobre empoderamento, e essa palavra permeia entre o campo acadêmico e não-acadêmico de forma bastante difusa e controversa, especialmente entre movimentos sociais ligados às minorias. É preciso obter a compreensão do ser negro em sua plenitude biopolítica para que se possa agir como agente transformador. Muitas vezes, o próprio negro não compreende qual sua identidade e o que ela representa, e nada faz mais do que militontear.<sup>11</sup> Empoderar-se,<sup>12</sup> aqui, significa quando um negro está imbuído de entendimento de sua própria cultura e identidade. Assim, torna-se clara a compressão do porquê do silenciamento da cultura, da identidade e da história afro-brasileira. O negro, com conhecimento e consciência da tríade (identidade, cultura e memória), pode se tornar poderoso no sentido literal da palavra, o que, para uma sociedade racista e preconceituosa, pode ser perigoso. A partir de estudos e de reflexões, passo a utilizar o termo *afroempoderado*, ou seja, o indivíduo vindouro da afro-diasporalidade que se empodera no pertencimento identitário, cultural e histórico de sua origem de forma a estar e manifestar-se politicamente em sua negritude.

Vivemos um regime de racismo velado, em uma escravidão obscura nos auspícios de uma falsa liberdade e igualdade, por isso, nos rechaçam, não nos querem empoderados, pois o negro poderoso se volta contra a Casa Grande, deixando de ser escravo e de ter senhor. Isso foi o que ocorreu na Revolta da Chibata, na Chacina da Candelária, entre outros. Compreender como um determinado discurso se constrói é importante para que possamos adentrar as próximas questões levantadas.

Os programas humorísticos como “Zorra Total”, da Rede Globo, e “Pânico na tv”, da Rede Bandeirantes<sup>13</sup> são alguns exemplos da perversão descarada do identitário negro. Homens e mulheres de origem afro-brasileiros são retratados fisicamente com narizes e glúteos desengonçados, com uma moral normalmente defeituosa e com aspectos de hostilidade e malandragem. Exemplo disso é a personagem, Valéria<sup>14</sup> de “Zorra Total”, que pede centavos de reais no transporte público e finaliza sempre suas falas com o seguinte jargão: “Ai, como eu estou bandida!”. Segundo o dicionário,<sup>15</sup> bandida significa mulher que pratica a prostituição ou tem vida sexual promíscua; piranha. Pois bem, essa é a forma como somos retratados em televisão nacional aberta no Brasil.

Por que apenas o povo afro-brasileiro é retratado dessa forma em rede nacional? Por que existem fenótipos vexatórios que caracterizam o negro em suas diferentes representações fazendo tanto sucesso? Segundo Clóvis Moura (1988), existe uma carência no (re)conhecimento do indivíduo para com sua negritude, e mais do que isso, o que se tem do negro, de forma canônica, em sua maioria, são os processos escravocratas e os estereótipos de mal gosto já conhecidos por aqueles que são negros, visto que tais ridicularizações atingem um público específico, o afro-brasileiro. “Preto andando é suspeito. Correndo, é culpado”, “Preto, quando não ‘caga’ na entrada, ‘caga’ na saída”, “Só podia ser coisa de preto”, “Agradeça a princesa Isabel, senão vocês estariam no tronco”.

Destaco que já tive o desprazer de ouvir essas frases durante minha vida, sendo elas direcionadas ao meu povo, ou a mim de forma indireta, ou direta como esta: “Você é negro e é tão inteligente.”, frase essa proferida por um professor universitário. Sei que estou à margem social vivendo em um país racista, que se autodeclara plural. Eis um problema gravíssimo de identidade nacional: como ser um país étnico-plural, se o racismo impera no cotidiano? E necessário sermos mais explícitos ao afirmar que o Brasil é um país de todas as etnias. Entendo que o Brasil possui, em seu *ethos*, várias etnias, todavia continua sendo o país de uma só raça.

Recordo-me de ouvir as seguintes frases em uma aula de antropologia cultural no curso de teatro licenciatura pela UFT: “É um absurdo! Eu estudo, e só porque o ‘cabra’ é preto, passa na

11 Termo aqui utilizado na compreensão dos movimentos de militância que não possuem fundamentações coesas em suas colocações, criando a ideia de que a afrodiasporalidade parte de elementos externos. Crê-se que a compreensão do identitário da diáspora negra é para além disso. Trata-se de um despertar sutil e profundo acerca do ser e estar politicamente habitando em uma pele da diáspora negra.

12 Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/empoderar>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

13 Programas Humorísticos da tv aberta brasileira.

14 Personagem interpretada pelo ator e humorista Rodrigo Sant’Anna.

15 Bandida é o feminino de bandido. O mesmo que: bandoleira, salteadora (FERREIRA, 2010).

frente.”, “Esse povo só quer vantagens. Trabalhar ninguém quer.”, “Eu deveria ter nascido negra, assim me daria bem na vida, bolsa quilombola, faculdade garantida.”<sup>16</sup>

Ora, é fato que os países que usaram mão de obra africana escravizada possuem uma dívida histórica com esse povo. Dessa forma, as ações afirmativas são instrumentos de possibilidade para aqueles que tiveram e ainda têm direitos negados pelo Estado brasileiro. A imagem do negro, utilizada na mídia e de forma vexatória é desconexa à imagem do povo que atravessou o Atlântico, mesmo povo que dominava o manuseio de cobre e ouro há mais de 400 mil anos a.C. Segundo Moura (1988):

A imagem do negro tinha de ser descartada da sua dimensão humana. De um lado havia a necessidade de mecanismos poderosos de repressão para que ele permanecesse naqueles espaços sociais permitidos e, de outro, a sua dinâmica de rebeldia que a isso se opunha. Daí a necessidade de ser ele colocado como irracional, as suas atitudes de rebeldia como patologia social e mesmo biológica (MOURA, 1988, p. 23).

Para Moura (1988), isso faz com que os negros possam vir a ser excluídos da sociedade, onde, por vezes, homens e mulheres negros têm que abandonar suas origens da África. Segundo Moura (1988), parece que existe a necessidade de alisar nossos cabelos, fazer rinoplastia, clarear nossa pele, adentrando em um processo de embranquecimento.

Essa elite de poder que se auto identifica como branca escolheu, como tipo ideal, representativo da superioridade étnica na nossa sociedade, o branco europeu e, em contrapartida, como tipo negativo, inferior, étnica e culturalmente, o negro. Em cima dessa dicotomia étnica estabeleceu-se, como já dissemos, uma escala de valores, sendo o indivíduo ou grupo mais reconhecido e aceito socialmente na medida em que se aproxima do tipo branco, e desvalorizado e socialmente repellido à medida quase aproxima do negro (MOURA, 1988, p. 62).

Na teledramaturgia, ainda somos os empregados, os motoristas, os jardineiros ou somos representados como vagabundos, baderneiros ou como mulheres e homens à margem da sociedade. Lázaro Ramos, Taís Araújo, Camila Pitanga, Rocco Pitanga, entre outros, são atores que conseguiram sair desse ciclo vicioso de papéis marginalizados.

Soa-me tão estranho ver alguém gritando na rua “O neguinho vem aqui” Isso é uma afronta a meus ouvidos e inteligência. Percebo que tentar explicar isso ao propagador deste discurso pode ser nulo, e na maioria das vezes meu ato será incompreendido. Ao longo destes quase vinte e seis anos percebo que é mais fácil ensinar a “ovelha um caminho para emancipação social, do que ensinar ao pastor que ele está sendo opressor”. O racismo velado fere tanto quanto os grilhões, fere a sutilidade humana. Percebo que o desfazer destes nós, irá depender mais de um mecanismo que chamo de força afrocentrífuga.<sup>17</sup> (*Diário dos Sentidos e Permissões do autor, 2017*)

Essa força que chamo *afrocentrífuga* nasceu na África na luta pela não-escravidão e ganhou potência nos processos de resignificação cultural e de resistência propriamente ditos. É preciso reverenciar os ancestrais, pois, sem eles, não teríamos condições de cultivar e reviver nossas reminiscências culturais, artísticas, estéticas, gastronômicas, etc.

16 Disciplina de Antropologia Cultural, do curso de Licenciatura em Teatro, da UFT, ministrada pela Prof. PhD. orientadora deste texto.

17 Termo que se refere ao processo de afroempoderamento. O reconhecimento da identidade afrodiáspórica que parte do indivíduo para a sociedade em que ele habita e para o mundo.

Na arte, ainda, presenciamos personagens brancos pintados com tinta preta, interpretando o que eles tinham como concepção de negritude, reforçando a visão estereotipada do povo vindouro de África. Em 1944, surgiu o Teatro Experimental do Negro, liderado por Abdias do Nascimento, conforme Moura (1988):

Era de fato, um conjunto que apresentava a negritude de forma consciente, desejando, através da ideologia, organizar os negros no Brasil. O movimento editou ainda o jornal Quilombo no qual o pensamento e a proposta do TEN se expressavam. Mas, o que esse grupo apresentava à grande comunidade negra marginalizada nas favelas, nas fazendas de cacau e de algodão, nas usinas de açúcar, nos alagados e nos pardieiros das grandes cidades? Nada (MOURA, 1983, p. 103).

O negro, contrariando o pensamento de Nina Rodrigues (1957, p. 28), pode produzir artisticamente em diversas narrativas. Não se ouve falar de Paulo Mengaço,<sup>18</sup> de Betânia Gomes,<sup>19</sup> e de Ingrid Silva<sup>20</sup> no cenário da dança. Nas artes plásticas, nomes como Emanuel Araújo<sup>21</sup> e Arthur Timótheo.<sup>22</sup> O que vemos é um processo de silenciamento da imagem e da produção dos artistas afro-brasileiros. Somos retirados do cânone das artes, ou melhor, não temos acesso aos fomentos de arte e cultura de forma igualitária, visto que o negro, por uma questão social e histórica, está à margem da cultura acadêmica e do cânone artístico, que ainda segue os padrões europeus de forma a desconsiderar a produção negra na arte, tratando-a apenas como folclórica e, por vezes, demoníaca.

É latente que nós, da disporá negra, ao nascermos, já nos defrontamos com lugares e objetificações previamente definidos socialmente, a dita meritocracia. Há de se pensar que funções que necessitam de desenvolvimento intelectual ou que sejam de importância e prestígio social não condizem com a negritude, segundo Rodrigues (2008) que, em tese, aborda o branqueamento e a negritude biologicamente, sem a possibilidade de ser letrado ou intelectual. Partindo desse pensamento, eu não teria condições biológicas de desenvolver tal estudo, visto que, de acordo com Rodrigues (2008), sou dado como inferior, rodeado pelo determinismo racial. Sobre o pensamento de Rodrigues (2008), Schwarcz (2012) diz que:

No Brasil, Nina Rodrigues, por exemplo, um famoso médico da escola baiana, adepto do darwinismo racial e dos modelos de politeísmo - que defendiam que as raças humanas correspondiam a realidades diversas, fixas e essenciais - opôs-se ao suposto do evolucionismo social de que a “perfectibilidade” era possível para todos os grupos humanos. Ou seja, não acreditava que todos os grupos humanos fossem capazes de evoluir igualmente e chegar ao progresso e à civilização. Além do mais, ao conferir às raças o estatuto de

18 Paulo Melgaço, professor da Escola Estadual de Dança Maria Olenewa – Fonte: Geledés – Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/bailarinos-negros-dao-piruetas-em-cima-do-racismo>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

19 Bethânia Gomes, bailarina Clássica brasileira com carreira internacional. – Fonte: Geledés – Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/bailarinos-negros-dao-piruetas-em-cima-do-racismo/>> Acesso em: 03 abr. 2018.

20 Ingrid Silva, bailarina Clássica brasileira com carreira internacional. – Fonte: Geledés – Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/bailarinos-negros-dao-piruetas-em-cima-do-racismo>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

21 Emanuel Araújo, artista plástico e museólogo. – Fonte: Geledés – Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/pintores-negros-contribuicao-negra-a-arte-brasileira/>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

22 Arthur Timótheo, artista plástico, estudante da Escola Nacional de Belas Artes. – Fonte: Geledés – Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/pintores-negros-contribuicao-negra-a-arte-brasileira/>> Acesso em: 03 abr. 2018.

realidades estanques, defendeu que toda mistura de espécies seria sinônimo de degeneração (SCHWARCZ, 2012, p. 20)

Essa é a real conjuntura social na qual ainda nos deparamos nos dias de hoje, ou seja, afro-brasileiros lidamos com o processo de invisibilidade latente, cujo lugar de pertencimento não é levado em consideração. Sendo assim, podemos perceber que a estética de usar o cabelo afro se torna campanha mercadológica, apoiada pelo próprio sistema que exclui o próprio negro. A falsa pluralização à cultura afro pela indústria capitalista não permeia uma valorização de identitário, mas um aquecimento do mercado capitalista nas vendas de produtos para cachos, na suposta valorização do cabelo afro-natural, entre outros.

A este tipo de mecanismo nomeio como *mecanismo mercadológico capitalista, travestido de valorização cultural afro-brasileira*. Alguns podem até salientar que existe, atualmente, uma presença do negro na mídia. A questão é: que imagem a mídia apresenta e revela desse *ethos*? O negro, por muitos séculos, exerceu papéis secundários e marginais. Somos destinados a papéis que reforçam um fenótipo mentiroso dos negros: o malandro, o alcoólatra, o sexualizado, o bandido, entre outras características marginais.<sup>23</sup>

É interessante perceber que, com o advento do processo de *afroempoeiramento*, o mercado capitalista precisou se adaptar a esse processo social o mais rápido possível. Trago, como exemplo, mais uma vez, os cabelos crespos. Uma das indústrias responsáveis pela fabricação de produtos para cabelos afro, no Brasil, é líder em produtos para cabelos afro e crespos. É o capitalismo, a lei da oferta e da procura se adequando aos processos sociais e culturais. Não creio que a presença desses produtos seja malfeitora, mas trata-se de uma reflexão pontual sobre quem é o portador do discurso e para quem ele é proferido. Não devemos nos enganar com ares de *mea culpa*, como “lobo em pele de cordeiro”.

## Reflexões sobre a afro-diáspora

Este relato de experiências se propôs a elucidar e a refletir sobre as dificuldades para a construção de uma sociedade brasileira igualitária etnicamente pelos negros. Parto de minhas reflexões, minhas próprias experiências, as quais permeiam a existência e a insistência da diáspora negra, cultura e arte brasileiras.

Dois dos termos propostos neste texto, afro-diáspora e *afroempoderamento*, eclodem justamente dessa experiência fenomenológica da qual parte a reflexão consciente sobre a tríade: cultura-arte, identidade e memória afro-brasileira. Podemos entender o conceito de afro-diáspora como um fenômeno sociocultural, político e histórico, ligado à imigração forçada para uma única finalidade: a escravagista.

Entretanto, mesmo com o tráfico de negros, oriundos da África, e com todos os problemas por eles enfrentados durante o período da escravidão, a permanência dessa população, no Brasil, possibilitou-lhes um sentimento de pertencimento à sua origem e à sua ancestralidade, seja ela religiosa, gastronômica, artística, identitária e cultural. O afroemponderamento é a compreensão *afrocentrifuga* desta africanidade e negritude. O saber consciente da África, de seu povo e de suas manifestações faz com que os pertencentes étnicos dessa identidade compreendam o seu próprio corpo biopolítico e social. Dessa forma, o negro emponderado torna-se conhecedor de si mesmo e de seu povo, deixando-o de ser colonizado pelos mais diversos meios sociais, políticos e tecnológicos.

Dar voz às reminiscências de africanidade é falar sobre a própria existência, como ser biopolítico, que vive na universidade, em uma sociedade racista. Também é trazer à luz dos palcos acadêmicos o esquecimento, vivido pelos nossos ancestrais, de um povo cujo imaginário e corpo físico ainda são respingados com insignificância do colonizador opressor, manifestando-se tal insignificância por meio de determinismos e agressões vexatórias travestidas de humor. Homens e mulheres da diáspora negra não podem representar sua própria história sem que sejam envolvidos pelo imaginário opressor na manifestação de aberrações representativas jocosas e de mau gosto, o que parece ser uma revisitação de um passado escravocrata.

Pretendeu-se, portanto, iniciar uma discussão sobre o processo de coisificação do negro,

partindo de um viés analítico da própria condição de ser negro na universidade. Entendê-lo como sujeito biopolítico, por meio de uma força *afro-centrifugadora*, faz com que o negro se retire do lugar de subterfúgio escravocrata para se tornar poderoso de si mesmo, tornando-se *afroempoderado*.

É preciso voltar às origens, para compreendermos de onde viemos, para trilhar caminhos frente a um dever de rompantes de discursos negativos, estereotipados e inferiorizados. Deve-se partir para um discurso verdadeiramente ligado a uma experiência de segundo nascimento através do afroempoderado, sendo naturalmente político, com origens na/da África em um corpo *afropresente*, entendido como *desconstrutor* de toda forma de opressão.

Finalizamos estas reflexões levantando questões importantes para a situação e condição social que vivenciamos em nosso país. Elenco, mais uma vez, a importância de o negro voltar às suas raízes, para que possamos ser uma árvore com raízes fortes, impregnados pelo solo fértil de nossa identidade. Dessa forma, não haverá instabilidade política ou qualquer opressão que nos faça recuar, pois os nossos pés estarão cravados em nosso verdadeiro solo, o Afro-diáspora.

## Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988. Com alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais 1/92 a 73/2013 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão n.º 1 a 6/94. Brasília. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 22 fev. 2018.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

GILROY, Paul. **Entre Campos**: Nações, Cultura e o Fascínio da “raça”. São Paulo: Annablume, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Atlântico Negro**: Modernidade e dupla consciência. São Paulo, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.

LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**: Técnicas de pesquisa. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. **Brasil-raízes do protesto negro**. São Paulo: Global, 1983.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil**. Salvador: Livraria Progresso, 1957.

\_\_\_\_\_. Mestiçagem, Degenerescência e Crime: História, Ciência e Saúde. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v.15, n. 4, Rio de Janeiro, out./dez., 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702008000400014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000400014)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

\_\_\_\_\_; VAREJÃO, Adriana. **Pérola Imperfeita**: A História e as Histórias na Obra de Adriana Varejão. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

Recebido em 17 de fevereiro de 2018.

Aceito em 18 de junho de 2018.